

JUVENTUDE DO CAMPO E CULTURA RIBEIRINHA

Macedo, Aldinei Azevedo¹
Silva, Deusinaldo Da²
Santos, Noélia Anjos dos³
Oliveira, Mara Rita Duarte de⁴

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo apresentar as discussões acerca de juventude e cultura do campo a partir da realização de uma pesquisa que analisou as relações sócio-culturais que se estabelecem entre a escola, a cultura e a juventude do campo na escola São João Batista, localizada no rio Campompema (Ilhas de Abaetetuba-PA), mais precisamente em uma turma do 8º ano do ensino fundamental, onde os principais alvos são os jovens. No processo de investigação o principal enfoque será especificamente os jovens de uma turma do 8º ano do ensino fundamental, onde se trabalharam com uma amostragem de apenas seis (6), três do sexo feminino e três do sexo masculino. Os sujeitos que irão fazer parte deste recorte empírico de investigação como foi citado anteriormente, são jovens que estão cursando o Ensino Fundamental no 8º ano e advêm em sua totalidade da região das ilhas de Abaetetuba (Pará).

Palavras-Chave: Juventude, Campo e Cultura.

1. Introdução

No contexto atual em que vivemos na região da Amazônia Tocantina, os jovens são os principais alvos a serem influenciados pelos mais diversos meios de comunicação, que mostram a cultura dominante como a cultura universal que se sobressai sobre as outras culturas, de modo a ignorá-las.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba. Ex-bolsista do Programa de Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), atualmente é pesquisadora do Grupo de Estudos e pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia.

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba. Ex-Bolsista PIBIC/CNPQ e Membro do Grupo de Pesquisa Memória, Formação docente e Tecnologia. Atualmente é pesquisador do Grupo de Estudos e pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia.

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba. Núcleo de Tomé-Açu.

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Curso de Pedagogia do Campus universitário de Abaetetuba (UFPA) e Coordenadora do Grupo de Estudos e pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia.

Para nós, a escola deve ser o principal espaço de valorização das mais diversas culturas existentes, sem perder de vista é claro, a cultura e os costumes de onde quer que esteja inserida e para isso:

É importante ressaltar que esses jovens, por sua vez não se identificam como agricultores (as) devido a uma distorção construída sobre a identidade do homem do campo. No contexto histórico brasileiro, o rural sempre foi relacionado ao arcaico, em contraposição ao urbano tido como moderno. Assim processualmente consolidou um estigma cultural e social em que o agricultor pobre é identificado, de forma pejorativa, como: matuto, caboclo, jeca, caipira. (DAMASCENO, 2003; p.18)

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar o conjunto e interações sócio-culturais entre a juventude e a escola do campo, levando em consideração os jovens como atores sociais e produtores de diferentes manifestações culturais dentro de um contexto social. Seja estudante/ou trabalhador/a contribui na construção da sociedade, visto que são os que mais lutam por uma mudança social e acabam expressando isso através da rebeldia e resistência aos padrões socialmente impostos reelaborando novas formas de se relacionar e se comunicar com o mundo. Contudo, o comportamento de resistência a imposições culturais e normas sociais dos jovens ainda hoje é considerado como um problema social. Alguns autores sugerem que muitos jovens estão submetidos a uma inserção social incompleta, pois o jovem que não consegue inserir-se nos mais diversos segmentos sociais como escola, lazer, trabalho e outros acaba se tornando um ser incompleto e vulnerável.

Apesar de tudo podemos perceber que os jovens ainda vêm a escola, o estudo como a única saída da condição de vulnerabilidade social que se encontram, os mesmos tem a consciência que é só através do estudo que eles irão conseguir ter uma vida melhor, ascensão social em todos os aspectos a partir da escolarização e da certificação de seus conhecimentos pela instituição escolar. Assim, consideram que é só estudando que podem se libertar e se tornar seres emancipados e responsáveis pelos seus atos.

A referida pesquisa analisou as relações sócio-culturais que se estabelecem entre a escola, a cultura e a juventude do campo na escola São João Batista, localizada no rio Campompema (Ilhas de Abaetetuba-PA), mais precisamente em uma turma do 8º ano do ensino fundamental, onde os principais alvos são os jovens. Pois esta terá grande relevância e estará evidenciando aspectos até então não revelados, por não terem sido estudados anteriormente, sem falar nas contribuições que poderá dar à escola aos jovens e para comunidade como um todo.

A pesquisa poderá proporcionar à escola pesquisada a revisão de conceitos acerca da juventude, repensando seus conceitos enquanto espaço de produção de conhecimento e da cultura, levando em consideração a necessidade de repensar a formação dos jovens para que os mesmos se tornem pessoas críticas, capazes de recusar a homogeneização cultural imposta. Ressaltando assim a sua cultura e dando-lhe a devida importância. (...) Nesse caso, educação

multicultural é percebida como uma via pelo qual se promova o resgate de valores culturais, compreendida em uma perspectiva semelhante à da preservação da diversidade ambiental (DAMASCENO 2003, p. 37).

Fomentado assim a tolerância e a apreciação à diversidade cultural, dando oportunidade de o jovem conhecer e presenciar outras culturas, onde é essencial que isso ocorra para a promoção do cidadão crítico e participativo em sociedades cada vez mais multiculturais. Além de que a valorização da cultura local, o respeito à diversidade das manifestações sócio-culturais da juventude permite a mesma o reconhecimento e fortalecimento de sua identidade social, possibilitando o respeito aos valores, conceitos, cultura próprios da sua realidade.

2. Juventude, Cultura e Campo: entrelaçando saberes e conceitos

A relação entre a juventude, campo e a cultura ribeirinha, apontando como a juventude pensa a cultura, se vêem na cultura ribeirinha e suas perspectivas frente à realização pessoal a partir da escola.

Para Silva, a juventude é um tema cada vez mais presente na sociedade contemporânea, tanto nos espaços acadêmicos de discussão e investigação como nas agendas para o desenvolvimento de políticas públicas (2005, p.396)

Assim, pensar a juventude como um grupo social sempre mobilizado e organizado a partir de seus interesses colabora para a mudança na cultura da sociedade brasileira. A juventude tem um papel importante na sociedade atual, é mobilizadora das transformações culturais profundas. Podemos afirmar:

Como as iniciativas juvenis contemporâneas com maior visibilidade na esfera pública. Essas modalidades correspondem também a maneiras como os (as) jovens preferem empenhar seu tempo livre, suas energias. “A juventude contemporânea, talvez mais que as juventudes de outras épocas, têm a opção de realizar experimentos e socializar-se em grupos, em vez de viver apenas na expectativa de uma ocupação profissional, muito embora seja a segunda maior preocupação” (OLIVEIRA, et all., 2006, p. 65)

A juventude tem a capacidade de dizer e se fazer ouvir,

Ao identificar as formas de participação juvenil e medir seu sentimento com relação às instituições democráticas, a pesquisa mostrou que a juventude se organiza por diversas modalidades de grupos. Nas décadas de 1960 e 1970, a participação juvenil em nosso país ganhou destaque por meio de mobilizações estudantis, imbuídas de demandas por democracia, na luta contra o poder centralizador e ditador, recorrendo a grandes manifestações e greves. (OLIVEIRA, ET all, 2006, p. 64)

A organização juventude tem visibilidade, participa e constrói processos democráticos, tem um caráter contestatório, segundo Oliveira a,

Juventude brasileira do terceiro milênio vive em um país marcado pelas contradições da democracia – e onde o restabelecimento da normalidade democrática não foi acompanhado de distribuição de renda e da superação das desigualdades sociais – e se identifica com outras linguagens e modelos de participação. Suas ações, mesmo se enfatizando a dimensão cultural, também têm repercussões políticas, uma vez que expressam as profundas desigualdades sociais e os preconceitos raciais. Suas mensagens são formadoras de opinião e denunciam condições de vida de grande parte da população. (ET all, 2006, p. 65)

Como produtora de cultura é importante reconhecer que a juventude transforma-se também em processos coletivos democráticos, emprega a esses processos novos significados. Porém,

Para se compreender a relevância da relação entre a juventude e a cultura, não basta tomar esse tema de forma externa, ou dizer, simplesmente, que a juventude é uma das mais contundentes portadoras das variadas expressões da cultura. Para, além disso, o importante é tentar apreender, ainda que de forma geral, o binômio juventude–cultura na sua imanência interna, ou seja, na própria compreensão do *modo de ser* da juventude na sociedade moderno-contemporânea (ou tardo-capitalista). (FRAGA, 2007, p.1)

O jovem acaba internalizado valores urbanos veiculados pela mídia.

Se, por um lado esses jovens valorizam o espaço rural como lugar de bem viver, como indicado no item anterior, por outro lado podemos notar uma valorização da estética, ou melhor, de múltiplas estéticas associadas à juventude urbana. (PINTO e PACHECO, 2009, p. 9)

Assim, a cultura camponesa vai se re-significando e a juventude camponesa ganha sentido, pois consegue ser feliz mesmo morando fora da cidade. E por ter acesso a transportes e estradas consegue acessar os centros urbanos com facilidade. Esse é nosso sonho: que a vida da juventude, seja a vida da terra, da água e de todo planeta, para que tenhamos um futuro com vida digna para todos, onde a produção continue alcançando a mesa de todos os brasileiros e que terra não seja mercadoria, mas seja lugar de vida e não de extermínio.

A cultura camponesa,

O cotidiano camponês é marcado pelo casamento da cultura com a economia: nas relações de vizinhança e em torno das práticas voltadas para a subsistência. A ajuda entre as famílias para os mais diversos trabalhos na lavoura, os chamados mutirões são uma troca de favores, pois quem é ajudado tem o compromisso de retribuir com carneação (troca de partes do animal carneado), e com a colheita do feijão ou do milho, por exemplo. (ROSSATO, 2006, p.5)

Muitas vezes,

Quando os jovens começam a ter os primeiros contatos com a cultura citadina, é comum terem vergonha de se assumirem como rurais, negam sua identidade de camponeses e se colocam numa posição inferior aos jovens urbanos. Essa inferioridade se revela principalmente na escola, quando entram na adolescência. Ser chamado de 'colono' é uma humilhação para eles. (ROSSATO, 2006, p.5)

A saída dos jovens do campo é motivada por muitos fatores, a maioria dos,

Jovens se sentem desmotivados a continuar no campo, por conta das enormes as dificuldades enfrentadas pelas comunidades rurais, seja em termos de produção agropecuária, na produção e comercialização dos produtos agrícolas, seja em termos de infra-estrutura (transporte, estradas, saneamento básico, etc.) e serviços (escolas, atendimento médico, etc.), muitas vezes precários. (SOUZA e VALE 2010, p.1)

3. Cultura para os jovens entrevistados

Partindo dessa questão nos propomos refletir sobre a relação da juventude com a cultura, e dentro dessa relação podemos apresentar a seguinte reflexão dos jovens ribeirinhos entrevistados como:

Hoje em dia a nossa cultura está sendo pouco valorizada, pois, infelizmente não sou eu, mas a maioria dos jovens admira e toma por sua uma cultura que não é a nossa! Porque acreditam que a cultura de fora e dos ricos é mais importante que a nossa (Andréia, 15 anos).

Esta fala vem reforçar uma questão que é bastante debatida, e que infelizmente as nossas escolas são grandes influenciadoras e formadoras de opiniões, ainda se eximem do seu papel de educar numa perspectiva multicultural. Por não estarem preparadas para fazer essa formação acabam por não problematizar, e muitas vezes reforçam ainda mais essa problemática, quando chegam exportar até mesmo de outros países manifestações culturais como Halloween, a culinária, vestes e muitos outros.

Cultura é o que vivenciamos no nosso dia a dia. Pois, a cultura trás nosso conhecimento através dos costumes e raças". (José Hádrian, 15 anos)

Nas ilhas a cultura nativa é passada de pai para filho. A linguagem, os olhares, os trajetos, são peculiaridades inquestionáveis que só os ribeirinhos traduzem (MACIEL, 2003, p. 22). Essa é mais uma fala que reforça a grande importância que a nossa cultura representa e o quanto ela está imbricada em nossa essência como sujeitos históricos.

Cultura é tudo aquilo que era bonito mais que ficou para trás, como ladainha antiga, cordão de boi, tiração de reis, artesanato de miriti, etc. (Renato, 15 anos).

Para Maciel “cultura (...) é aquele todo complexo que inclui Os saberes, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e outras capacidades adquiridas Pelo homem enquanto membro da sociedade” (TAYLOR apud FORQUIM, 1993, p.24, MACIEL, 2003, p.37)

Aqui nesta fala podemos perceber dois aspectos, o primeiro diz respeito ao grande valor que esse jovem atribui em relação aos saberes e costumes de nosso povo, e o segundo é o fato de que estes estão se perdendo e conseqüentemente morrendo junto aos nossos antepassados.

A nossa cultura não está sendo valorizada pelos meios de comunicação que tiram o tempo! Eu valorizo a cultura que não é a minha pelo respeito com a natureza e com as pessoas (Renato, 16 anos).

Essa fala vem reforçar a grande influência e poder que os meios de comunicação detêm junto aos sujeitos, e às vezes de forma bastante negativa e invasora que chega até mesmo a roubar a sua própria identidade e negar a sua subjetividade (invasão cultural).

Sim, porque pelo meio dela que sabemos e conhecemos nossos valores”. (José Hádriam, 15 anos)

A questão dos valores que são constituídos dentro da relação com os familiares, na igreja, nos encontros, são bastante forte entre a juventude ribeirinha, pois, a opinião de uma pessoa mais velha que seja da família ou que seja, por exemplo, o coordenador da comunidade ou da pastoral é sempre bem vinda e respeitada por todos, de modo que ainda prevalece à questão do olhar repreensivo dos pais quando os filhos estão fazendo algo que vá de encontro com os bons costumes e condutas daquele grupo.

Sim, porque a cultura hoje em dia é muito conhecida, inclusive por pesquisadores de outros países e os que vêm aqui. Nossa cultura está se revelado a cada dia. Nós dar coragem para sobreviver. Ela nos levam a ser uma pessoa digna e respeitar outras pessoas mais idosas. (Vânia, 15 anos)

A fala da jovem Vânia retrata a expansão da nossa cultura junto ao reconhecimento da mesma como potencial. É a nossa cultura tomada como condição predeterminante de existência, de respeito e de valorização da vida.

Sim, nós produzimos artesanato de miriti, plantamos várias essências florestais como açaí, miriti, andiroba (Renato, 16 anos).

Essa visão da produção cultural da população ribeirinha está evidenciada na fala do entrevistado, esse sujeito que compreende a sua vida e de como produz, Para Maciel “*o homem ribeirinho, nativo, convive familiarmente Com a biodiversidade, tirando da natureza o necessário para o seu sustento. Planta, cria, zela. Contempla e reflete. Constrói e escreve a sua própria história*” (MACIEL, 2003, p.21).

Ainda para a autora “*a natureza lhe oferece a matéria prima e ele a transforma em obras de arte. Produz objetos que retratam sua relação com o meio. Ela própria é a Expressão do ribeirinho*” (Idem, 2003, p.21).

A cultura representada em todos os aspectos da vida cotidiana do ribeirinho faz ser no extrativismo, na dança, na música, na culinária, evidenciando assim o grande potencial do nosso povo, uma vez que o povo ribeirinho exerce várias atividades ao mesmo tempo, sem perder de vista sua importância e sua identidade cultural, e para isso: O artesão que molda cria e constrói, é o mesmo ribeirinho que ara, planta, colhe, tece, pesca e também abastece o mercado... (Ibidem, 2003, p.22)

Podemos perceber que apesar de tudo, a juventude ribeirinha ainda acredita na educação, e no trabalho e a enxerga como mecanismos centrais de inserção e inclusão social. Nesse sentido, isso certamente requer que se busque reconhecer as juventudes presentes e vivenciadas em nossa realidade, e ao fazê-lo confirmar a legitimidade de suas demandas e necessidades, vale dizer, sua legitimidade enquanto sujeitos sociais que vivem experiências ainda não institucionalizadas.

Assim, para os jovens ribeirinhos,

Cultura é alguns costumes que vão passando de geração em geração como: tomar açaí com mapará, açaí com camarão, as danças e algumas vestes! (Maria Helena, 28 anos)

Com isso, o que se busca assinalar, é que não se trata meramente do ato de alimentar-se; mas sim de dizer que além do ato biológico rotineiro e necessário, configura-se aí a grande importância que o “costume” de tomar açaí com mapará ou ainda com camarão, que seja representa particularidades de um modo de vida singular que se difere de qualquer outro que seja.

Nós somos cultura, somos porque moramos em um local que é cercado por cultura. Nós tecemos crochê, fazemos matapí, contamos histórias e outros (Maria Helena, 28 anos)

Essa colocação e muitas outras remete-nos á uma questão central que veio sendo debatidas na área da antropologia brasileira por autores como (RODRIGUES,1979; CASTRO,1987; CLASTRES,1990; LEAL,1995, entre outros). É a questão da relação entre o corpo biológico e a cultura, onde:

A família não se define, portanto pelos indivíduos unidos Por laços biológicos, mas pelos significantes que criam os elos. De sentido nas relações, sem os quais essas relações se Esfacelariam, precisamente pela perda, ou pela inexistência, de sentido. Se os laços biológicos unem as famílias é porque são, em si, significantes. Ninguém se atreveria a contestar a força simbólica dos “laços de sangue” em nossa cultura ibérica/ocidental, com os ”nomes de família”, as semelhanças físicas, os traços de paternidade (“ ou de caráter” que se puxa” de algum parente próximo ou distante...(SARTI,1999, p.121).

Por outro lado presenciamos a ideologia que o mundo globalizado capitalista coloca em relação à juventude. A roupa de marca, o tênis do momento, o carro do ano, e até mesmo as drogas tornaram-se passaportes para o ingresso no grupo dos que reconhecem e admiram as marcas da moda. Tornando-se vulneráveis e aptos a serem facilmente seduzidos por ideologias, comportamentos, valores e atitudes que muita das vezes não tem nada a ver com seu meio, seus sonhos, sua vida como todo.

Os jovens entrevistados têm plena consciência de sua participação na sociedade, reconhecem que produzem cultura e que por ela são influenciados. Às vezes descobrem que sua cultura e tida como inferior, para Rossato,

Quando os jovens começam a ter os primeiros contatos com a cultura citadina, é comum terem vergonha de se assumirem como rurais, negam sua identidade de camponeses e se colocam numa posição inferior aos jovens urbanos. Essa inferioridade se revela principalmente na escola, quando entram na adolescência. Ser chamado de “colono” é uma humilhação para eles. Esta expressão – colono - muitas vezes é usada pelos adolescentes e jovens urbanos para legitimar a inferioridade dos jovens rurais (2006, p.5).

Entretanto, como podemos observar mesmo diante da imposição de toda uma mídia burguesa, os jovens manter a identidade social e valorizam sua cultura ribeirinha. Interagem com a cultura citadina e vão mantendo suas raízes.

Observamos que há a absorção da cultura urbana, mas ao mesmo tempo a cultura local tem um reconhecimento pelos jovens entrevistados, apesar disso ser pouco problematizado pela escola, lócus de pesquisa. Mesmo diante dessas limitações existente no papel da escola de valorizadora da cultura, ela ainda serve com espaço agregador da cultura ribeirinha e o local em que os jovens podem interagir e trocar experiências.

Apesar da referência às coisas relacionadas ao campo às vezes remeter ao atraso, ao popular-inculto. “O camponês não está isolado e a urbanização se faz cada vez presente no

campo. Os meios de comunicação, as facilidades de transporte, os sistemas de telefonia e as condições de estudo aproximam os do campo aos da cidade” (Rosato, 2006, p.6).

Isso a juventude aproveita da melhor forma possível, seja através da atualização de informações, seja no conhecimento de tudo que está na sociedade globalizada. Atualiza, discute e incorpora outros valores e crenças.

Assim, a cultura camponesa vai se re-significando e a juventude ribeirinha ganha sentido, pois consegue ser feliz mesmo morando fora da cidade. E quando tem acesso a transportes e consegue acessar os centros urbanos com facilidade. Esse é nosso sonho: que a vida da juventude, seja a vida da terra, da água e de todo planeta, para que tenhamos um futuro com vida digna para todos, onde a produção continue alcançando a mesa de todos os brasileiros e que terra não seja mercadoria, mas seja lugar de vida e não de abandono.

Considerações Finais

Historicamente, nunca houve políticas públicas no Brasil a fim de atender as demandas do campo, sobretudo dos jovens rurais. Em 2000, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) havia 34.081.330 jovens entre 14 e 24 anos no Brasil, dos quais, 18% deles, ou seja, mais de seis milhões de jovens habitavam, de norte a sul, o Brasil agrário. Em 1950, 63,8% da população brasileira residiam nas zonas rurais, já em 2000 esse número caiu drasticamente para 18,8% do total do país. Os grandes movimentos migratórios aconteceram em dois períodos distintos: em 1950, a população que migrava para as cidades tinha entre 30 e 39 anos, e o segundo momento, na década de 1990 tinha média de 20 a 24 anos de idade, isso mostra o quanto mais cedo os jovens saem do campo (WEISHEIMER, 2005).

Segundo Sposito (2009) na década de 90 a 2000 foram realizados mais 30 programas/projetos governamentais, incidindo com maior ou menor focalização nas faixas etárias comumente consideradas como jovens (adolescentes de 15 a 19 anos e jovens de 20 a 25), e três ações sociais não-governamentais de abrangência nacional: e três ações sociais não-governamentais de abrangência nacional: *Programa de Capacitação Solidária*, *Projeto Rede Jovem* e *Programa Alfabetização Solidária*, que surgem por indução do Programa Comunidade Solidárias.

Porém, apesar de termos estabelecido o protagonismo juvenil como luta e garantia de direitos sociais, esses programas são insuficientes para atender as demandas reprimidas da Juventude. Nesse sentido é preciso repensamos o que fazer para atender os jovens no Brasil, em especial os jovens camponeses.

O tema sobre juventude tem permeado os debates cada vez mais presentes na agenda política do país. A importância desse tema cresce a partir da percepção das dificuldades enfrentadas pela juventude para fazer a transição para a vida adulta. Essas dificuldades de

ordem social, econômica e cultural são atestadas pelas pesquisas que deixam claro a maior vulnerabilidade social da juventude. O número de homicídios na população jovem é o dobro do restante da população. Apenas 42% conseguem concluir o ensino médio. Os jovens apresentam 47% do total de desempregados do país. Em relação à renda, verifica-se que grande maioria vive em condições de pobreza (50º congresso da UNE - KIZOMBA, p. 29).

A Amazônia brasileira em sua vasta diversidade sociocultural comporta singularidades, particularidades jamais encontradas em outro território. Composta por populações que vivem em espaço urbano e rural, comportando um número considerável de povoados, pequenas vilas, pequenas e médias cidades, comunidades bastante afastadas e outros.

No campo especificamente segundo o censo de 2000, residia um contingente de 6712.137 habitantes, e esse contingente não dispõem de serviços essenciais e direitos básicos, incluindo saúde, saneamento básico e educação.

No cenário educacional o qual nos propomos a investigar no decorrer deste trabalho e especificamente quando tratamos das populações ribeirinhas, podemos afirmar questões essenciais que impulsionaram a política por uma verdadeira educação do campo e no campo e para o campo, que valorize acima de tudo os sujeitos que lá se encontram

A Cultura do campo precisa ser tomada e defendida em todos os aspectos, pelos sujeitos do campo de forma que estes se sintam parte do processo, que desperte seus interesses e contemplem suas necessidades; que os completem como sujeitos sociais de modos e costumes que se diferem dos demais por uma série de fatores que são responsáveis pelos atos desde os mais simples até os mais complexos.

E quando esses sujeitos são jovens esse processo torna-se mais significativo e plural uma vez que a juventude chega com muitas expectativas, anseia pelo novo e muitas das vezes acaba se frustrando com uma escola que reproduz o discurso do agronegócio que reforça a questão de que os sujeitos do campo apresentam limitações ; que a sua cultura é feia e errada, e não que é diferente mas que precisa ser valorizada; que dissemina um entendimento generalizado de que o espaço urbano é superior ao meio rural, que a cidade é o local onde encontram-se todos os prazeres o desenvolvimento e outros.

Conviver com a hegemonia cultural branca européia imposta pela mídia burguesa, que esvazia de sentido a cultura tradicional dos povos da Amazônia, reflete diretamente na juventude, que acaba por não se reconhecer como produtora de cultura, nem como alguém que vive em meio de uma cultura fundamentada nos princípios da coletividade e que tem uma exuberância inigualável.

Portanto, a juventude precisa ser tomada em seu sentido pleno como “percebedora” da realidade, realidade esta que lhe contraria a todo o momento e lhe faz refém de normas e regras a serem cumpridas.

Ao longo dessa pesquisa os objetivos propostos foram alcançados, redesenhados pela experiência com os jovens da escola do campo, esses jovens vão nós ensinando a olhar a nossa própria cultura em um processo de reconhecimento de nossa identidade. Não há nas falas dos jovens entrevistados a palavra desesperança, pois suas falas estão carregadas de esperança de um campo mais digno.

Para finalizar, vale ressaltar que atualmente a sociedade brasileira tem voltado sua atenção para o tema da juventude, sobretudo pelo reconhecimento da ausência de políticas públicas voltadas para essa, em especial a juventude do campo. O crescimento do interesse pelo tema da juventude também se intensifica nos últimos anos, por isso é necessário mais estudos nessa área. Porém esses estudos devem ser demarcados principalmente pelos temas mais caros a juventude que são: trabalho, mídia, violência, participação política e cultura.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar*. São Paulo: Papyrus, 1995.

DAYREEL, Juarez (org.). *Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura*. Belo horizonte: UFMG, 1996.

DAUSTER, Tânia. *Construindo Pontes: a prática etnográfica e o campo da educação*. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura*. Belo horizonte: UFMG, 1996. p. 65 a 72

CALDART, Roseli Salette. . In: BENJAMIM, Cezar e CALDART, Roseli Salette. *Projeto Popular e Escolas do Campo*. 2ª edição. Brasília: DF: *Articulação Nacional por uma educação no Campo*, 2001. (Coleção Por um a Educação Básica no Campo nº 3).

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em Educação abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Movimentos Sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade*. Editora UFC: Fortaleza, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos, 13)

MATOS, Kelma Socorro Lopes de e ALENCAR, Maria Célia de Medeiros. *Juventude Rural: Trabalho, Migração e Escola*. IN: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Movimentos Sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade*. Editora UFC: Fortaleza, 2003. p. 17 a 29

DAMASCENO, Maria Nobre. *A formação da juventude: Educação e cidadania no contexto da diversidade cultural*. IN: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Movimentos Sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade*. Editora UFC: Fortaleza, 2003. P. 30 a 46

MARTINELLO, André Souza. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v.3, n. 5, p. 291-295, fev. 2008.

BOGO, Ademar. *O MST e a cultura*. São Paulo: MST/ANCA, 2000. Brandalise,

GROPPO, Luís A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

WEISHEIMER, N. *Juventudes Rurais: Mapa de estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

SOUZA, Alex Cristiano de e VALE Ana Rute do. *Caracterização e perspectivas da juventude no bairro rural bárbaras do município de alfenas (MG)*. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise Práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre, 2010

SPOSITO, Marília Pontes e CARRANO Paulo César Rodrigues. *Juventude e políticas públicas no Brasil*. Revista Brasileira de Educação ANPED, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>

ROSSATO, Alexania. *Juventude, mídia e movimentos sociais camponeses: encontros e desencontros*. UNIRAM revista - Vol. 1, nº 3: (julho 2006)

OLIVEIRA, Júlia Ribeiro de, e SILVA, Lúcia Isabel C. e RODRIGUES, Solange S.. *Acesso, identidade e pertencimento: relações entre juventude e cultura*. Revista Democracia viva. Nº 30 jan / mar 2006. (p 62 a 65)

PINTO, Michele de Lavra e PACHECO, Janie K (Organizadoras). *Juventude, Consumo & Educação 2*, publicado pela ESPM, em Porto Alegre, em 2009.

FRAGA. [PAULO DENISAR](#). *Juventude e cultura: identidade, reconhecimento e emancipação*. Revista Espaço acadêmico – nº 75 – agosto/2007 – mensal ano VII.

SILVA. Cristiane A. Fernandes Da. *Resenha de Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2005. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2.

MACIEL, Ana Amélia de Araújo. *O grito Ribeirinho: eco da educação ambiental em escolas ribeirinhas da Amazônia*. Imperatriz (MA): Ética, 2003.